

DANIELI TATIANE MATTIOLO

**ALUNOS PROJOVEM, A SOCIOLINGUÍSTICA EM MEIO DE SEU
APRENDIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca do Curso de Especialização em
Educação do Campo da Universidade Federal
do Paraná. Como requisito parcial para
obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: Ana Josefina Ferrari.

MATINHOS

2011



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



ALUNOS PROJovem, A SOCIOLINGUÍSTICA EM MEIO DE SEU APRENDIZADO

Danieli Tatiane Mattiolo¹

Ana Josefina Ferrari².

RESUMO

O seguinte estudo foi realizado com base nas aulas de português realizadas no Projovem Campo Saberes da Terra- Quedas do Iguaçu- PR, no período de setembro à dezembro de 2010, tendo como principal objetivo debater sobre a sociolinguística impregnada na vida social dos alunos do mesmo programa. Procurando compreender como as mudanças regionais de cidades e países, influenciam em suas culturas e linguagens. Assim como também entender como a sociedade local “acolhe” pessoas que apresentam um linguagem diferente dos padrões da sociedade local. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, observações feitas em sala de aula no período citado acima e para uma aquisição de dados mais concretos, troca de experiência feita com os alunos.

Palavras-chave: sociolinguística, variantes linguísticas , conhecimento e sociedade.

¹ Aluna de pós-graduação em Educação do Campo UFPR- Setor Litoral .

² Professora Orientadora –UFPR Litoral



1- CONTEXTO

Quedas do Iguaçu fica no sudoeste do Paraná, à aproximadamente 800km de Curitiba. É uma cidade movida pelo comércio de madeiras em geral, sua maior renda vem da empresa Araupel, empresa esta que trabalha com madeira, papel e celulose.

Nossa cidade é cercada pelas plantações de pinhos utilizada pela empresa para seu extrativismo, não é uma cidade grade tem aproximadamente 30 mil habitantes, dentre eles podemos dizer que 5 mil são de famílias assentadas após invasão as terras da Araupel.

São estes a maior parte de nossos alunos, pessoas assentadas, da faixa de 18 anos acima, que não puderam estudar quando mais novos. E através deles que faço o seguinte estudo.

Partindo das dificuldades apresentadas por nossos alunos do Projovem – Campo de Quedas do Iguaçu – PR, em associar língua escrita e falada e sobre sua socialização devido à uma considerada linguagem vulgar.

Busquei na sociolinguística, meios de compreender por quais condições nossos alunos passaram ou passam por falarem de modo considerado errado pela classe “A” da nossa sociedade.

Pautando-me em Bagno, Brandão, Bortoni entre outros autores desta linha de estudo conhecida como sociolinguística, estudei o comportamento de nossos alunos, buscando encontrar formas de socializa-los a nossa língua padrão, sem intervir em suas raízes culturais de comunicação e conhecimento.



2- PRINCÍPIOS BÁSICOS DE SOCIOLINGUÍSTICA

Em 1963, no Estado de Massachusetts, EUA, William Labov, linguista norte-americano, principiava uma teoria chamada de “teoria de variação” dando assim início aos estudos ao que chamamos hoje de sociolinguística.

Este estudo é uma das partes da linguística que tem como seu principal alvo, entender o uso da língua, seja ela qual for a sua situação usual. Estes estudos são divididos em duas partes:

Para os nortes-americanos as variações encontradas dentro das línguas partem através de seu uso e de seu vocabulário. Já os europeus, consideram estas diferenças como dialetos, considerados por muitos como outra língua.

É como se no Brasil tivesse vinte sete “línguas faladas”- uma em cada estão- como línguas oficiais, porém todas elas seguindo uma mesma gramática. FARACO

(1991, p.14) coloca: “Isso porque a língua escrita é normalmente mais conservadora que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entram na escrita.

Para Marcos Bagno, 2007: A Escola entre a Ciência e o Senso Comum: “...onde tem variação (lingüística) sempre tem avaliação (social).” Com esta fala o autor coloca a hierarquização da nossa sociedade em prol dos valores culturais impostos pela chamada classe “A”, desta maneira você é o que sua classe determina, ou o que a classe superior determina.



O consenso em relação à necessidade para a escola de eleger como língua de ensino apenas a variedade linguística praticada sobretudo pelas camadas econômicas, política e culturalmente dominantes, é também alimentado por julgamentos preconceituosos e depreciativos emitidos por indivíduos que gozam de prestígio social, muitas vezes desprovidos de más intenções. (Maestri, p.145)

O autor nos coloca que, a língua é um “instrumento de controle social”, a qual pode ser utilizada como meio de humilhação e de rejeição da sociedade.

Humilhação esta que pode fazer com que as pessoas deixem de viver e de se comunicar, por vergonha de se expressar da maneira como sabem, afastando-se da sociedade, desta maneira criando ainda mais barreiras em sua socialização.

E é isso que como professores do projovem saberes da terra, devemos nos esforçar, para que nossos alunos não saiam da escola, que tenham segurança do que pensam, sabem e falam.

3- PROJovem E SUAS CARACTERÍSTICAS EM RAZÃO DA LINGUÍSTICA

É dever do profissional das áreas trabalhadas no projovem (exatas, técnicas e humanas) a doação de seus conhecimentos, não só de conteúdos, mas também daqueles adquiridos ao decorrer de suas vidas. Além de saber ouvir e trocar experiências. Desta maneira, ao professor dá-se o papel de mediador do conhecimento prévio dos alunos quanto o conteúdo repassado em sala de aula.



Já aos nossos alunos, cabe à curiosidade e o interesse, elementos esses que são de extrema importância para que consigam utilizar o que aprenderam em seu dia-a-dia, sendo na vida de campo ou dentro da sociedade.

É gratificante ao professor perceber que suas aulas estão modificando a vida de seus alunos já que devemos, como pauta Bortoni:

valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem.

Para um professor do projovem isso tem muito mais significância já que a vida de nossos alunos, não é o que podemos chamar de uma das melhores, ou seja, é uma vida muito sofrida, cheia de barreiras impostas pela sociedade, por seus parentes, através de mudanças de moradia.

Conversando com eles durante as aulas, transparecem em seus comentários as dificuldades pelas quais passaram no decorrer de suas vidas.

Conversando com eles durante as aulas, transparecem em seus comentários as dificuldades pelas quais passaram no decorrer de suas vidas.

A fome enfrentada pela maioria, a falta de condições financeiras, a submissão aos patriarcas e depois a seu cônjuge, lhes fizeram abrir mão de todos seus sonhos e se entregarem a realidade assim destinada a eles.



Muitos de nossos alunos são agora integrantes do MST (movimento dos sem terra), pessoas que vieram de várias partes do estado, país e até mesmo de países vizinhos.

Esta globalização de pessoas faz ocorrer uma grande mistura de dialetos/variantes linguísticas, fazendo assim com que ocorra uma ruptura no entendimento claro de seus diálogos.

A primeira dificuldade vem daqueles que viveram em países vizinhos, tal como Paraguai. País que tem grande área de fronteira com o Brasil, mas que não tem socialização com a língua portuguesa, com exceção das cidades de fronteira onde os brasileiros fazem compras, necessitando assim, desta socialização por fins lucrativos.

Já os alunos do projovem campo, vieram de partes do Paraguai onde não há esta socialização, por este motivo acabaram esquecendo sua língua materna e utilizando como meio de comunicação somente as línguas: espanhola e guarani.

“quando eu voltei para o Brasil não sabia mais me comunicar, me acostumei tanto com o guarani e o espanhol que acabei esquecendo como falar português.”

C.R aluna do projovem campo Quedas do Iguaçu-PR, 2010.



Por tais motivos citados, esta aluna, acabou por ter que reaprender a falar português e se isso já era difícil, na hora da alfabetização tornou-se algo muito mais complexo.

Durante as nossas aulas de português observei o interesse estampado em seu olhar, o comparecimento em todas as aulas, a busca do conhecimento estava em seu semblante.

Porém mesmo com tanta vontade, sua alfabetização não era das mais fáceis, pois, por ter reaprendido o português pelo contato com outros falantes, acabou por aprender um português considerado errado, com dialetos e expressões regionalistas. Por este motivo transpassava para a escrita o modo como falava, demonstrando uma grande dificuldade em ter uma ortografia correta.

A maneira de falar: nós vai, nós ponha, a falta de distinção entre letras como; “m” e “n”, “t” e “d” são fatos que ocorrem com muita frequência em suas escritas isso porque eles escrevem do modo como falam.

Percebi isto em uma de minhas aulas, quando à pedido dos próprios alunos revisei as normas de uso de “s”, “ss”, “mp”, “mb” e “n” com outras consoantes. Na hora de socialização da fala todos entenderam como a regra padrão funcionava e exigia tais modos de escrita, porém na hora do trabalho ficou nítido que não adiantava somente saber falar, mas também saber escrever, aí surgiram muitas dúvidas sobre, porque não se achavam palavras com “n” antes de “p” ou “b”, ou então, porque o “m” não aparecia antecedendo as letras “c”, “t”, “r”, etc.

Foi neste instante que percebi que ocorria a falta de credibilidade dos alunos em torno das normas padrões da nossa língua, pois já havia lhes explicado



que estes casos não poderiam ocorrer, mas mesmo assim a continuava as dúvidas em relação a existência ou não dessas regras.

É neste momento que percebemos a sociolinguística impregnada em nossos alunos, a partir do momento em que devemos compreender que a maneira deles se comunicarem não chega a ser um fato de ignorância por sua parte cabe a nós professores o desafio de fazê-los entender que não devemos repassar nossa oralidade na hora da escrita.

Além deste caso, há alunos os quais vêm de outras regiões brasileiras, estes apresentando variações lingüísticas e dialetos não compreendidos pela sociedade local, fazendo assim com que se sinta na obrigação da socialização com a

população local, adaptando-se a seus costumes, manias, organização e principalmente à fala.

O que a população está deixando de compreender é que estas diferenças linguísticas não fazem um cidadão, cada um tem seu modo de falar independente de certo ou errado:

Apesar da tendência da escola e da sociedade de apresentarem a língua como organismo monolítico e natural, ela é uma construção social e histórica, com vínculos essenciais com a formação social de seus locutores. (Maestri, p.143)

Deste modo compreende-se que não é só a pessoa que vem de fora tem que adaptar-se a padronização linguística da sociedade local, mas também cabe aos moradores a compreensão e aceitação do indivíduo indiferente a seu modo de falar e expressar.



Creio que como professora de português do projovem, está foi a maior dificuldade que encontrei em minhas aulas, não pelo motivo de alfabetiza-los, mas de alfabetiza-los sem desprezar o modo de vida dos alunos, para não ocorrer uma interiorização os mesmos:

Ao defender a legitimidade e superioridade da variedade lingüística padrão e rejeitar a pratica de um “multilingüismo nacional” muitos professores, em geral desconhecedores da hegemonia das suas práticas, contribuem para o estabelecimento da hegemonia das visões de mundo das elites,

participando dos processos de unificação e uniformização ideológica, política e cultural da sociedade. (Maestri, p.145)

Assim procurei sempre usar a alfabetização na hora de suas escritas e leituras, não os criticando na hora de suas falas, mas sempre buscando a forma mais certa de se falar, já que como fala Maestri - Não se trata de deixar simplesmente os alunos das classes populares utilizarem suas variedades lingüísticas, sem introduzi-los ao uso da chamada norma culta.

Desta maneira, não os impus as regras em seu total mando, mas consegui alcançar a alfabetização e percepção de erros dos próprios alunos. Dando a eles a oportunidade de aprender sem traumas e frustrações, já que essas já estão, como citado acima, dentro da nossa sociedade no momento em que são taxados como “burros” por falarem de modo diferente.



4- CONCLUSÃO

Após realizar este trabalho, percebo que não devemos escravizar nossos alunos de uma forma geral, à língua padronizada, impregnada pela nossa sociedade

dita como dominadora. Mas sim, faze-los aprender de forma que esta aprendizagem não se torne algo traumatizante, muito menos que os façam perder suas características e raízes culturais que é o que faz cada pessoa ser diferente da outra.

Devemos deste modo, compreender que, um sujeito não se faz de acordo com seu vocábulo diferenciado, mas sim pelo conhecimento que este indivíduo nos traz, o que por muitas vezes é esquecido simplesmente pela não aceitação das variedades regionais de costumes, crenças e dialetos.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



Bibliografia

BORTONI, Ricardo. Educação em língua materna a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

BRANDÃO, Silvia F. & OLIVEIRA, Maria Thereza I. (Org.) 1996, “Pesquisa e Ensino da Língua: Contribuições da Sociolingüística”, in Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL, 23-25 de outubro de 1995. UFRJ. Rio de Janeiro: Timing Editora.

CAGLIARI, Luiz P. Alfabetização e Lingüística – São Paulo, Sipione, 1999

BAGNO, Marcos - Nada na Língua é Por Acaso – São Paulo, Parábola, 2007

FARACO, Carlos Alberto. Lingüística Histórica. São Paulo: Ática. 1991

MAESTRI, A linguagem escravizada. São Paulo: Expressão Popular, 2003 [Com Florence Carboni]

TARALLO, Fernando, 1988, A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática.